O perigo Fujimori

Luiz Adolfo Pinheiro
Diretor de Redação

O vibrião de cólera que veio de outro continente atingiu o Peru e dali se espalhou por vários países, é infinitamente menos perigoso do que o "exemplo Fujimori" que o presidente peruano encarna neste momento. As democracias latino-americanas, inclusive a nossa, geralmente passaram por experiências semelhantes, que consistem, basicamente, em apelar para um regime de força ou de exceção — ainda que pretensamente transitório — como forma de resolver agudas questões econômicas e sociais que a democracia é lenta em dar solução.

O Brasil de 64, a Argentina de Ongania e Jorge Videla, o Chile de Pinochet, o Uruguai de Bordaberry, a Bolívia de tantos generais, o próprio Peru de Velasco Alvarado e muitas outras nações experimentaram cair na tentação de regimes autoritários que pretendiam consertar, rapidamente, as doenças sociais que a liberal democracia parecia ignorar.

É nisso que reside o perigo Fujimori. Ele não vai acabar nem com a secular pobreza peruana nem com a violência do Sendero Luminoso, assim como nenhum dos demais regimes autoritários da América Latina conseguiu realizar tal proeza, muito embora alguns, como o brasileiro, tenham tido êxito em eliminar o terrorismo e em acelerar a modernização tecnológica do país, especialmente no ramo das telecomunicações.

A tentação, entretanto, existe. E ela só poderá ser afastada se as lideranças políticas das nações latino-americanas se conscientizarem de que a democracia precisa criar um grande acordo econômico para colocar as mazelas sociais no alto das prioridades políticas de cada país e demonstrar que pode resolvê-las. E tentar, ao mesmo tempo, uma forte ajuda internacional, tanto em termos de financiamentos quanto de investimentos para geração de empregos e modernização das estruturas. Pois a verdade é que cada nação do continente está progredindo, mas num ritmo que, além de gerar novas misérias, só poderia, teoricamente, acabar com os atuais desníveis sociais e regionais lá pelo ano 2200, o que é inaceitável.

Fujimori, eleito presidente dentro das regras do jogo democrático e constitucional, voltou-se contra a democracia, como se ela fosse a causadora dos males do Peru. O seu péssimo exemplo só serve para desmoralizar a democracia representativa e estimular os golpistas de todas as tendências, muito embora o fracasso do presidente peruano seja a esperança de todos os democratas, a fim de que se restaure ali o clima de plena democracia.

Essas considerações preocupam-nos quando se vê o desvio de atenções do Congresso numa CPI criada para apurar denúncias de um larápio contra outro, mas que alguns equivocados parlamentares de oposição pretendam seja a chance de votar o impedimento do presidente da República, esquecidos de que o Brasil é um formigueiro de agitação social provocada pela miséria e subdesenvolvimento, assuntos que deveriam ser permanentemente prioritários na agenda do Poder Legislativo.

A verdade é que, quando não vêem seus problemas solucionados, as massas populares tendem a apoiar, com entusiasmo, o fechamento do Congresso e até aplaudem o candidato a ditador que promete resolver suas angústias da sobrevivência, como se viu nas ruas de Lima, onde o povo carregou nos braços o verdugo das liberdades públicas, subitamente ungido à condição de salvador dos oprimidos.